
DIEESE
Departamento Intersindical de Estatística e
Estudos Sócio-Econômicos

Projeto
Fortalecimento Institucional para a Incorporação da
Dimensão de Gênero e Raça nas Políticas de Erradicação da
Pobreza e Geração de Emprego dirigidas ao Setor Informal
na América Latina – GRPE - Brasil

Brasil – Relatório Final – Artigo para publicação

Apresentado à
OIT – Organização Internacional do Trabalho

26 de Outubro de 2005

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	04
INTRODUÇÃO	05
1- O EMPREGO DOMÉSTICO NAS REGIÕES METROPOLITANAS	06
2 – O EMPREGO DOMÉSTICO: UMA ALTERNATIVA OCUPACIONAL FEMININA	09
3 – CARACTERÍSTICAS DA CONTRATAÇÃO DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS	13
4- CONDIÇÕES DE TRABALHO E PERFIS DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS MENSALISTAS COM E SEM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA	16
4.1 – <i>Condições de trabalho</i>	16
4.2 – <i>Características pessoais das trabalhadoras mensalistas</i>	21
5- CONDIÇÕES DE TRABALHO E PERFIL DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS DIARISTAS	26
5.1 – <i>Condições de trabalho</i>	26
5.2 – <i>Características pessoais das trabalhadoras diaristas</i>	31
6- CONDIÇÕES DE TRABALHO E PERFIS DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS NEGRAS E NÃO-NEGRAS	34
6.1 – <i>Condições de trabalho</i>	34
6.2 – <i>Características pessoais das trabalhadoras negras e não-negras</i>	37
7 - PRINCIPAIS CONSIDERAÇÕES	39
8- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40

Brasil

Relatório Final – artigo para publicação

O Emprego Doméstico: uma ocupação tipicamente feminina

APRESENTAÇÃO

O presente artigo apresenta os principais resultados apurados sobre o emprego doméstico através da PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego - realizada pelo DIEESE em convênio com a Fundação Sistema Estadual de Análise de dados (SEADE), Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e outras entidades regionais em cinco regiões metropolitanas e no Distrito Federal. O estudo se insere no âmbito do contrato SC/BRA/006/2005 firmado entre o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – DIEESE e a Oficina Internacional Del Trabajo - OIT e integra as atividades previstas no projeto “Fortalecimento Institucional para a Incorporação da Dimensão de Gênero e Raça nas Políticas de Erradicação da Pobreza e Geração de Emprego Dirigidas ao Setor Informal na América Latina – GRPE – Brasil” que a OIT desenvolve.

O artigo está dividido em quatro capítulos: o primeiro traça um perfil dos trabalhadores ocupados segundo gênero e cor; o capítulo 2 dedica-se a apresentar as principais características do emprego doméstico segundo a forma de sua contratação – com carteira e sem carteira assinada. O terceiro capítulo está focado na apresentação das principais características das empregadas domésticas que trabalham como diaristas, e, o quarto capítulo voltou-se para os indicadores levantados pela pesquisa para as empregadas domésticas segundo o atributo de cor.

O EMPREGO DOMÉSTICO: UMA OCUPAÇÃO TÍPICAMENTE FEMININA

INTRODUÇÃO

O trabalho doméstico é uma das ocupações mais antigas, e se caracteriza pela presença de uma pessoa na casa de outra, executando tarefas de limpeza, cuidados com as crianças, com as roupas e a cozinha, zelando pelos afazeres domésticos em geral.

Com o advento do assalariamento, o trabalho doméstico foi incorporado entre as ocupações socialmente reconhecidas. Alguns estudos chegaram a indicar o fim desta forma de trabalho nos países desenvolvidos, pelo aumento de renda e maior nível de escolaridade da mão-de-obra, como revela Melo (2002). O que se observou, porém, segundo a autora, foi a sua continuidade e o seu recrudescimento.

No Brasil, a acentuada desigualdade de renda criou terreno fértil para o desenvolvimento dessa atividade, aumentando tanto mais quanto menos desenvolvida a localidade.

A entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho, nos anos 70 e 80, manteve a importância do emprego doméstico. Ao sair de seus lares para desempenhar outras funções no mercado de trabalho, as mulheres deixaram de realizar parte de suas tarefas e afazeres domésticos, necessitando da contratação de uma profissional para a execução destes serviços.

Por outro lado, para as mulheres de baixo poder aquisitivo, a necessidade de compor a renda familiar as obrigou a abandonar as atividades domésticas no âmbito do próprio lar, para se lançar no mercado de trabalho. Por não exigir escolaridade ou experiência, o trabalho doméstico na casa alheia acabou sendo opção para um determinado segmento da força de trabalho feminina, composto, em geral, por jovens ou pessoas de mais idade, de baixa escolaridade, migrantes de áreas rurais ou menos desenvolvidas.

O emprego doméstico tem sua atividade desenvolvida no âmbito dos domicílios, o que limita as relações com sua categoria profissional. A relação com o empregador é fortemente marcada por relações interpessoais e familiares, o que descaracteriza

profissionalmente a ocupação. Além disso, este é um emprego de baixa sindicalização e de acesso limitado aos direitos trabalhistas plenos, mesmo para quem tem carteira de trabalho assinada, com recolhimento opcional do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) ou do pagamento da multa rescisória.

Atualmente, cerca de 20% do contingente feminino ocupado nas principais regiões metropolitanas do país é constituído por empregadas domésticas, revelando a importância desta ocupação tanto para a dinâmica das regiões quanto para a inserção feminina no mercado de trabalho.

O objetivo deste artigo é revelar as características recentes do emprego doméstico nas regiões metropolitanas do Brasil: o perfil da mão-de-obra, os rendimentos auferidos, a forma de contratação no mercado de trabalho, o tempo de permanência no emprego e a jornada destas trabalhadoras. As informações apresentadas foram obtidas a partir dos dados da PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego – realizada em convênio com a Fundação SEADE, MTE e entidades regionais em cinco regiões metropolitanas e no Distrito Federal. Sem pretensão de indicar a evolução deste tipo de ocupação, os dados referem-se ao biênio 2003/2004, de forma a permitir maior representação dos indicadores, com o intuito de mostrar os diferentes matizes do emprego doméstico.

1 - O EMPREGO DOMÉSTICO NAS REGIÕES METROPOLITANAS

As proporções de trabalhadores domésticos não apresentam grandes diferenças no conjunto da população ocupada das regiões investigadas pela PED, sendo maior sua presença no Distrito Federal (10,1%) e em Salvador (9,9%) e menor na região metropolitana de Porto Alegre (6,9%) (Tabela A).

Nas regiões onde a pesquisa é realizada, a forma de inserção ocupacional predominante é o assalariamento, que, em geral, absorve em torno de 60,0% dos trabalhadores, seguido pelo trabalho autônomo, cuja proporção varia entre 14,7% (Distrito Federal) e 25,3% (Recife). Assim, com exceção de Porto Alegre, onde o item *Outros* (formado pelos trabalhadores familiares, profissionais liberais autônomos e empregadores) apresenta maior relevância quantitativa, o emprego doméstico figura como a terceira alternativa ocupacional nos espaços de trabalho metropolitanos.

TABELA A
Distribuição dos ocupados por posição na ocupação
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2003/2004.

(em %)

Posição na Ocupação	Distrito Federal e Regiões Metropolitanas					
	Belo Horizonte	Distrito Federal	Porto Alegre	Recife	Salvador	São Paulo
Ocupados	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Assalariados	63,0	67,8	65,3	57,9	60,3	62,3
Autônomos	20,6	14,7	18,2	25,3	23,3	21,6
Empregos Domésticos	9,3	10,1	6,9	8,8	9,9	8,8
Outros (1)	7,1	7,4	9,6	8,1	6,5	7,4

Fonte: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e entidades regionais. PED – Pesquisa de Emprego

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Empregador, trabalhador familiar e outras ocupações.

Segundo as informações da pesquisa, nas regiões analisadas, mais de 93% do total de empregados domésticos são mulheres e as menores proporções foram detectadas em Salvador e Recife, com 93,0% e 93,2%, respectivamente (Tabela B).

TABELA B
Proporção dos ocupados e das ocupadas no emprego doméstico
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2004

(em %)

Regiões metropolitanas e Distrito Federal	Estimativa Total (em 1.000 pessoas)	Total	Homens	Mulheres
Belo Horizonte	177	100,0	4,4	95,6
Distrito Federal	94	100,0	5,6	94,4
Porto Alegre	100	100,0	(1)	96,6
Recife	102	100,0	6,8	93,2
Salvador	122	100,0	7,0	93,0
São Paulo	703	100,0	4,8	95,2

Fonte: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e entidades regionais. PED – Pesquisa de Emprego

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) A amostra não comporta desagregação para a categoria.

Os rendimentos dos empregados domésticos são os menores pagos no mercado de trabalho, quando comparados com os dos assalariados em geral e os dos autônomos. Em Recife, Salvador e Belo Horizonte o rendimento médio percebido foi inferior ao salário mínimo (R\$ 300). Em São Paulo, região onde o custo de vida é mais caro, foi apurado o maior pagamento por esse trabalho (R\$ 383), seguido de Porto Alegre (R\$ 352) e do Distrito Federal (R\$ 321). (Tabela C).

TABELA C
Rendimento médio real dos ocupados por posição na ocupação
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2003/2004.

(em Reais de maio de 2005)

Posição na Ocupação	Distrito Federal e Regiões Metropolitanas					
	Belo Horizonte	Distrito Federal	Porto Alegre	Recife	Salvador	São Paulo
Ocupados	781	1.266	877	561	701	1.043
Assalariados	822	1.452	901	643	803	1.108
Autônomos	596	666	697	361	436	726
Empregos Domésticos	291	321	352	228	222	383
Outros (1)	2.078	2.353	1.597	1.303	1.863	2.962

Fonte: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e entidades regionais. PED – Pesquisa de Emprego

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Empregador, trabalhador familiar e outras ocupações.

Obs.: a) Excluiu-se os assalariados e os empregados domésticos assalariados que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os trabalhadores que ganharam exclusivamente em espécie ou benefício.

b) Inflatores utilizados: IPCA/BH/IPEAD; INPC-DF/IBGE; IPC-IEPE/RS; INPC-RMR/IBGE/PE; IPC-SEI/BA; ICV-DIEESE/SP.

O salário mínimo, que vem tendo reajustes reais sucessivos desde 1995, tende a ser um parâmetro para a remuneração do trabalho doméstico. Entre 1998 e 2004 sua trajetória foi diferenciada da média dos ocupados. Nesse período, assistiu-se a uma expressiva redução da renda do trabalho dos ocupados em todas as regiões. Para os trabalhadores domésticos, porém, esta redução não se fez sentir com a mesma intensidade. Pelo contrário, chegou mesmo a haver ligeiro crescimento em termos reais em Salvador e Belo Horizonte. Apenas em São Paulo, onde se encontram os maiores salários desta categoria, seu valor acompanhou a diminuição observada para a média dos ocupados (Tabela D).

TABELA D
Rendimento médio real dos ocupados e dos empregados domésticos
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1998 e 2004.
(em Reais de maio de 2005)

Total de ocupados e empregados domésticos	1998	2004	Varição Relativa (2004/1998) (%)
Belo Horizonte			
Total de Ocupados	925	776	-16,1
Empregados Domésticos	294	298	1,4
Distrito Federal			
Total de Ocupados	1.547	1.258	-18,7
Empregados Domésticos	347	319	-8,1
Porto Alegre			
Total de Ocupados	1.071	898	-16,2
Empregados Domésticos	398	359	-9,8
Recife			
Total de Ocupados	775	549	-29,2
Empregados Domésticos	232	227	-2,2
Salvador			
Total de Ocupados	851	709	-16,7
Empregados Domésticos	216	223	3,2
São Paulo			
Total de Ocupados	1.492	1.050	-29,6
Empregados Domésticos	543	380	-30,0

Fonte: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e entidades regionais. PED – Pesquisa de Emprego
Elaboração: DIEESE

Obs.: a) Excluídos os empregados domésticos assalariados que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os trabalhadores que ganharam exclusivamente em espécie ou benefício.

b) Inflatores utilizados: IPCA/BH/IPEAD; INPC-DF/IBGE; IPC-IEPE/RS; INPC-RMR/IBGE/PE; IPC-SEI/BA; ICV-DIEESE/SP

2 – O EMPREGO DOMÉSTICO: UMA ALTERNATIVA OCUPACIONAL FEMININA

Uma vez que mais de 90% do total de empregados domésticos são mulheres, a partir deste ponto, a análise refere-se unicamente às empregadas domésticas, excluindo-se o contingente masculino.

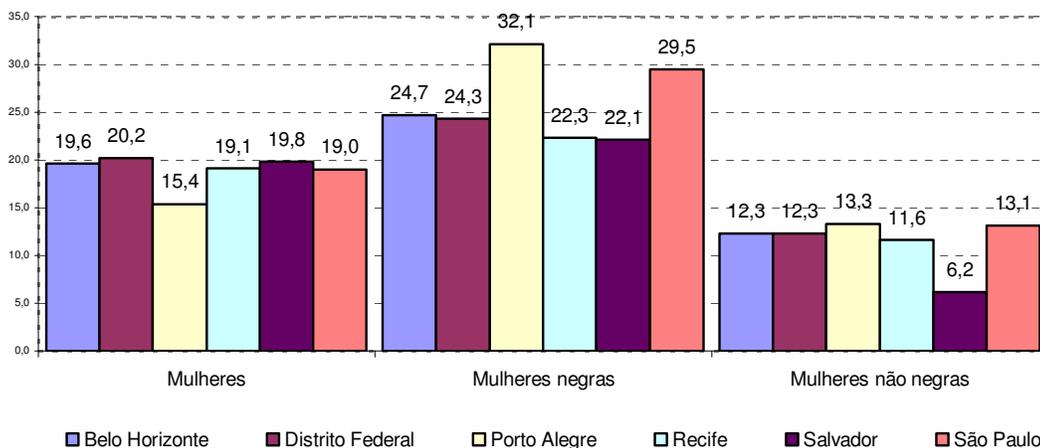
Em todas as regiões analisadas, o emprego doméstico caracteriza-se por ser tipicamente feminino e com predominância de negras. Em Porto Alegre, cerca de 15,4% das mulheres ocupadas trabalhavam como empregadas domésticas e, no Distrito Federal, 20,2%. Nas demais regiões, o percentual ficou próximo a 19% (Gráfico 1).

É interessante observar que a parcela de ocupadas no emprego doméstico é maior no Distrito Federal e menor em Porto Alegre. Parte da razão pode estar no fato de o trabalho doméstico estar intimamente ligado à renda familiar, ou seja, quanto mais elevado o rendimento, maior a demanda por este tipo de trabalho.

No Distrito Federal, onde se detectou a maior de renda familiar média, grande parte do contingente feminino está alocado no setor público o que faz com que haja demanda para o trabalho de domésticas. Em Porto Alegre, por sua vez, as taxas de desemprego são menores e os indicadores de mercado de trabalho mais favoráveis e, com isso, o percentual de mulheres empregadas como domésticas é menor, sugerindo a existência de maior espaço para o trabalho feminino em outros setores.

GRÁFICO 1
Distribuição das empregadas domésticas segundo cor
Regiões metropolitanas e Distrito Federal – 2003/2004

(em %)

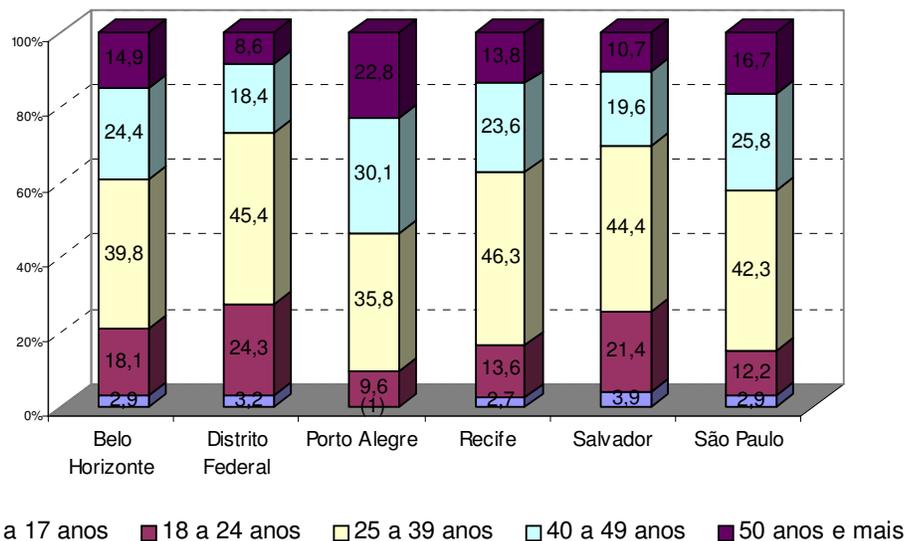


Fonte: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e entidades regionais. PED – Pesquisa de Emprego
 Elaboração: DIEESE

O emprego doméstico tem sido uma alternativa de trabalho maior para as mulheres negras. Comparativamente, em todas as regiões, a proporção de mulheres negras ocupadas nessa atividade superou, em média, 10 pontos percentuais o de mulheres não-negras. Em Porto Alegre, 32,1% das negras da capital gaúcha eram domésticas no biênio 2003/2004, enquanto o percentual de não-negras ficou em 13,3%, o que representa uma diferença de 18,8 pp (Gráfico 1).

A maior parte das mulheres que trabalham como empregadas domésticas tinha entre 25 e 39 anos em todas as regiões analisadas, sendo que esse percentual oscilou entre 35,8% (Porto Alegre) e 46,3% (Recife). Essa atividade inclui mulheres em idade produtiva e não apenas aquelas com mais velhas ou que recém ingressaram no mercado de trabalho. Foi observada, ainda, uma proporção equivalente a 18,4% de mulheres com 40 a 49 anos, no Distrito Federal, percentual que se elevou para 30,1%, em Porto Alegre. Em todas as regiões, mais de 63% das mulheres no emprego doméstico tinham entre 25 e 49 anos. Em Porto Alegre, foi verificado o maior percentual de mulheres com 50 anos e mais trabalhando nesta ocupação (22,8%). A menor proporção de domésticas nesta faixa etária foi observada no Distrito Federal (8,6%) (Gráfico 2).

GRÁFICO 2
Distribuição das empregadas domésticas segundo faixa etária
Regiões metropolitanas e Distrito Federal – 2003/2004
(em %)



Fonte: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e entidades regionais. PED – Pesquisa de Emprego
 Elaboração: DIEESE
 Nota: A amostra não possui desagregação a categoria de 10 a 17 anos para Porto Alegre.

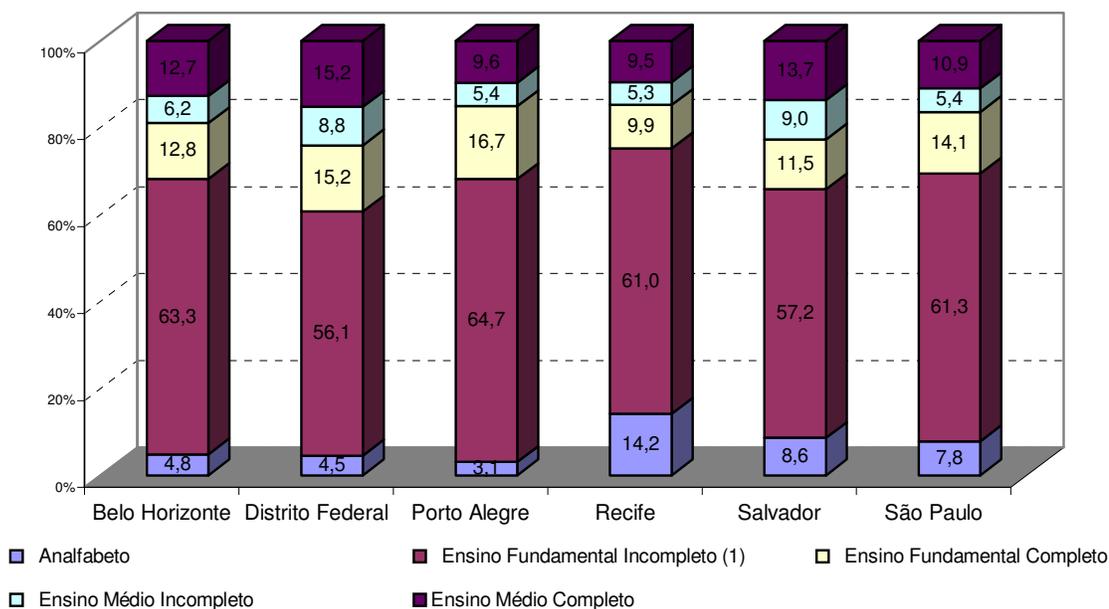
Cabe destacar que o emprego doméstico serve de porta de entrada para muitas jovens do mercado de trabalho. Em quase todas as regiões, crianças e adolescentes de 10 a 17 anos ocupam-se com esta tarefa. A proporção, no emprego doméstico destas crianças e adolescentes, oscilara entre 2,7% e 3,9%, nas regiões pesquisadas. Além

disso, o emprego doméstico abrigou mais de 20% de jovens de 18 a 24 anos em Salvador e no Distrito Federal, enquanto em Porto Alegre foi encontrado o menor percentual (9,6%).

Em sua maioria, as trabalhadoras que exercem atividades relacionadas ao emprego doméstico têm baixa escolaridade. Mais de 75% das mulheres que ali trabalham têm, no máximo, o ensino fundamental completo (até oito anos de estudo), com maior concentração (mais da metade) daquelas com o nível fundamental incompleto, em todas as regiões. Distrito Federal (24,2%) e Salvador (22,7%) foram as regiões onde foram encontradas empregadas domésticas com escolaridade mais elevada, uma vez que apresentaram maiores percentuais de trabalhadoras com instrução superior ao fundamental completo (Gráfico 3).

GRÁFICO 3
Distribuição das empregadas domésticas segundo escolaridade
Regiões metropolitanas e Distrito Federal – 2003/2004

(em %)



Fonte: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e entidades regionais. PED – Pesquisa de Emprego

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Inclui os alfabetizados sem escolaridade.

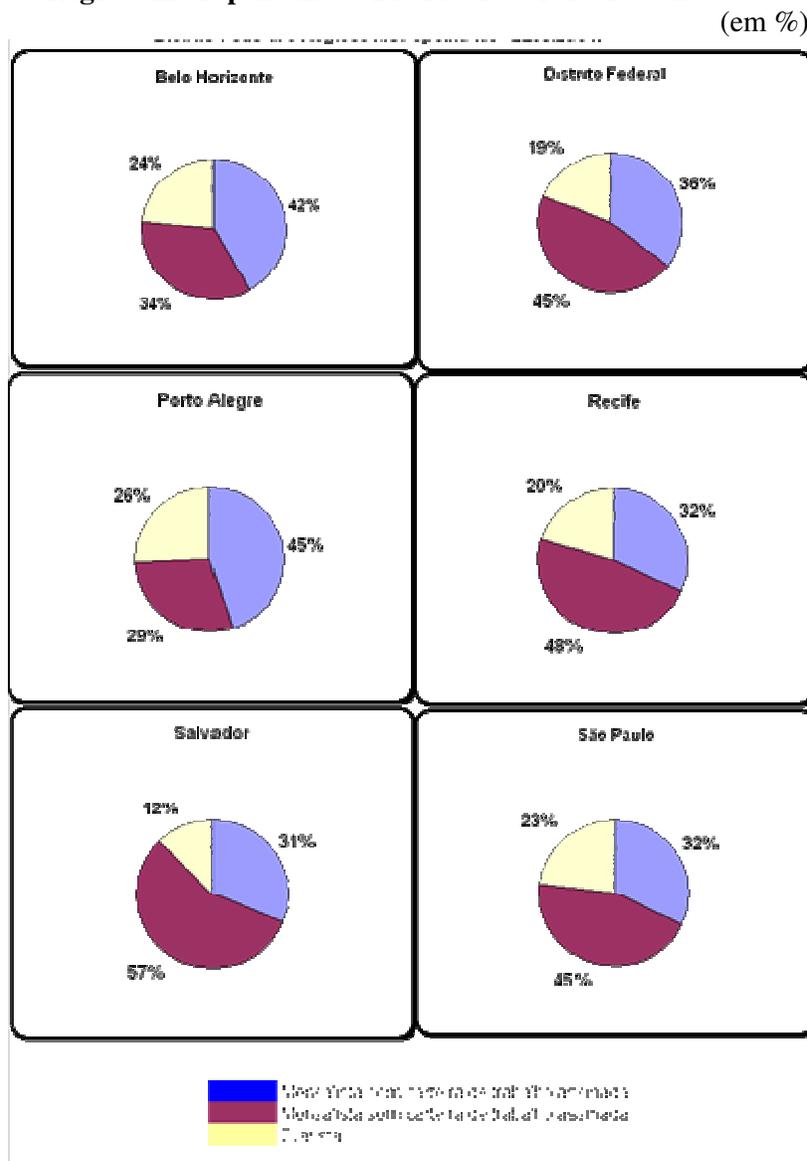
Obs.: Para o nível superior, a amostra não comportou a desagregação.

3 - CARACTERÍSTICAS DA CONTRATAÇÃO DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS

As domésticas são contratadas, majoritariamente, como mensalistas nas regiões investigadas. A parcela que trabalha como *diarista* é bem menos relevante e, em geral, não alcança um quarto dessas trabalhadoras. Dentre as regiões pesquisadas, a contratação com pagamento mensal da empregada doméstica é maior em Salvador (87,9%) e no Distrito Federal (82,2%), enquanto a maior proporção de diaristas foi verificado em Porto Alegre (21,1%).

O registro de contrato na carteira de trabalho é mais freqüente em Porto Alegre (44,9%) e Belo Horizonte (41,9%). Nas demais regiões, a contratação de mensalista a margem da legalidade apareceu com mais intensidade, destacando-se a situação de Salvador, onde 56,6% das empregadas domésticas eram mensalistas sem carteira de trabalho assinada, seguida de Recife, região na qual 47,7% se encontraram nesta situação (Gráfico 4).

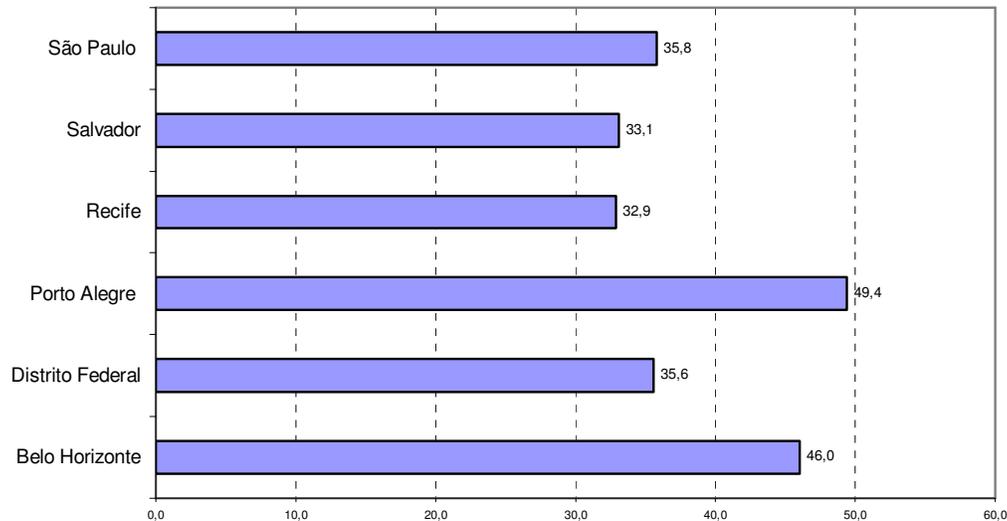
GRÁFICO 4
Distribuição das empregadas domésticas segundo formas de contratação
Regiões metropolitanas e Distrito Federal – 2003/2004



Fonte: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e entidades regionais. PED – Pesquisa de Emprego
 Elaboração: DIEESE

Menos da metade das empregadas domésticas em todas as regiões contribui para a Previdência Social. Em Porto Alegre verificou-se a maior proporção de domésticas que contribuíram para o INSS (49,4%), e, em Recife, (32,9%), a menor. Assim, grande parte das mulheres que se encontram no emprego doméstico não terão direito a aposentadoria, e precisarão manter-se, por mais tempo, no mercado de trabalho (Gráfico 5).

GRÁFICO 5
Proporção das empregadas domésticas que contribuem para a Previdência Social
Regiões metropolitanas e Distrito Federal – 2003/2004
(em %)



Fonte: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e entidades regionais. PED – Pesquisa de Emprego
Elaboração: DIEESE

O número de horas semanais trabalhadas pelas empregadas domésticas apresenta grande disparidade regional. A pesquisa apurou que as Regiões Metropolitanas do Recife (47 horas semanais) e Salvador (44 horas semanais) caracterizaram-se por terem as jornadas mais extensas. Por outro lado, no Sudeste e no Sul, o tempo de trabalho semanal dos empregados domésticos foi menor, como ocorreu em Porto Alegre (36 horas), São Paulo (37) e Belo Horizonte (38).

Também houve grande diferença na proporção de empregadas domésticas que trabalharam (ou não) além da jornada legal de 44 horas semanais. Nas localidades analisadas do Nordeste – Recife (61,4%) e Salvador (57,9%) – mais da metade das empregadas trabalharam além das 44 horas. Já em Porto Alegre, 45,2% das empregadas fizeram jornada entre 20 e 40 horas e 28,2%, mais de 44 horas (Tabela E).

TABELA E
Distribuição das empregadas domésticas segundo classes de horas trabalhadas
Regiões metropolitanas e Distrito Federal – 2003/2004

(em %)

Regiões metropolitanas e Distrito Federal	Jornada média semanal (em horas)	Classes de horas				
		Total	Até 20 horas	Mais de 20 a 40 horas	Mais de 40 a 44 horas	Mais de 44 horas
Belo Horizonte	38	100,0	18,6	38,3	2,9	40,3
Distrito Federal	41	100,0	13,6	30,1	12,4	43,8
Porto Alegre	36	100,0	22,1	45,2	4,5	28,2
Recife	47	100,0	15,7	20,1	2,8	61,4
Salvador	43	100,0	13,7	24,5	3,9	57,9
São Paulo	37	100,0	23,2	40,1	2,9	33,8

Fonte: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e entidades regionais. PED – Pesquisa de Emprego
 Elaboração: DIEESE

4- CONDIÇÕES DE TRABALHO E PERFIS DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS MENSALISTAS COM E SEM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA

4.1 - Condições de trabalho

Em todas as regiões analisadas, o percentual de empregadas domésticas que trabalha como mensalista – ou seja, trabalha durante todo o mês apenas para um empregador – é três vezes maior que o de diaristas, isto é, de empregadas que podem estar, cada dia, em uma residência diferente.

O trabalho como mensalista, porém, não garante maior formalização do trabalho pois, como assinalado anteriormente, apenas em Porto Alegre e Belo Horizonte, foi detectado maior grau de formalização no emprego doméstico. Nas demais regiões, as empregadas domésticas mensalistas, em sua maioria, não possuíam carteira de trabalho assinada (Gráfico 4).

Considerando o total de empregadas domésticas mensalistas verificou-se, em todas as regiões metropolitanas, que a maior parcela destas trabalhadoras estava há mais de dois anos no mesmo emprego, com a menor proporção registrada no Distrito Federal (32,7%) e a maior em Porto Alegre (46,8%). Expressivo foi, também, o montante

daquelas empregadas que estão, no máximo, até seis meses no atual emprego: 35,4% do total de mensalistas no Distrito Federal e 33,0%, em Salvador.

No entanto, quando são observadas, separadamente, as mensalistas com e sem carteira de trabalho assinada, aparecem diferenças notórias no tempo de permanência no atual emprego. Para aquelas com carteira de trabalho assinada, mais da metade estava há mais de dois anos no mesmo emprego, em todas as regiões metropolitanas, enquanto entre as sem carteira assinada, verificou-se situação inversa. Quase metade delas estava em seu trabalho há apenas seis meses e somente uma parcela inferior a 29% trabalhava há mais de dois anos (Tabela F).

TABELA F
Distribuição das empregadas domésticas mensalistas por formas de contratação
segundo tempo de permanência no emprego atual
Regiões metropolitanas e Distrito Federal – 2003/2004

(em %)

Forma de Contratação	Belo Horizonte					Distrito Federal				
	Total	Até 6 meses	Mais de 6 a 12 meses	Mais de 1 a 2 anos	Mais de 2 anos	Total	Até 6 meses	Mais de 6 a 12 meses	Mais de 1 a 2 anos	Mais de 2 anos
Mensalista	100,0	27,6	15,0	15,8	41,6	100,0	35,4	15,6	16,3	32,7
Com carteira	100,0	12,3	13,9	19,0	54,8	100,0	15,0	15,5	19,4	50,1
Sem carteira	100,0	46,7	16,3	11,9	25,1	100,0	50,4	15,7	14,0	19,8
Formas de Contratação	Recife					Salvador				
	Total	Até 6 meses	Mais de 6 a 12 meses	Mais de 1 a 2 anos	Mais de 2 anos	Total	Até 6 meses	Mais de 6 a 12 meses	Mais de 1 a 2 anos	Mais de 2 anos
Mensalista	100,0	30,6	13,9	15,1	40,4	100,0	33,0	14,4	14,9	37,7
Com carteira	100,0	10,7	12,2	18,1	59,0	100,0	10,5	11,8	16,9	60,8
Sem carteira	100,0	43,2	15,0	13,3	28,5	100,0	45,3	15,8	13,8	25,2
Formas de Contratação	Porto Alegre					São Paulo				
	Total	Até 6 meses	Mais de 6 a 12 meses	Mais de 1 a 2 anos	Mais de 2 anos	Total	Até 6 meses	Mais de 6 a 12 meses	Mais de 1 a 2 anos	Mais de 2 anos
Mensalista	100,0	25,7	13,3	14,2	46,8	100,0	29,7	13,3	15,5	41,5
Com carteira	100,0	14,3	11,6	15,3	58,8	100,0	10,3	10,9	16,2	62,6
Sem carteira	100,0	43,8	16,1	12,6	27,5	100,0	43,4	15,0	15,0	26,6

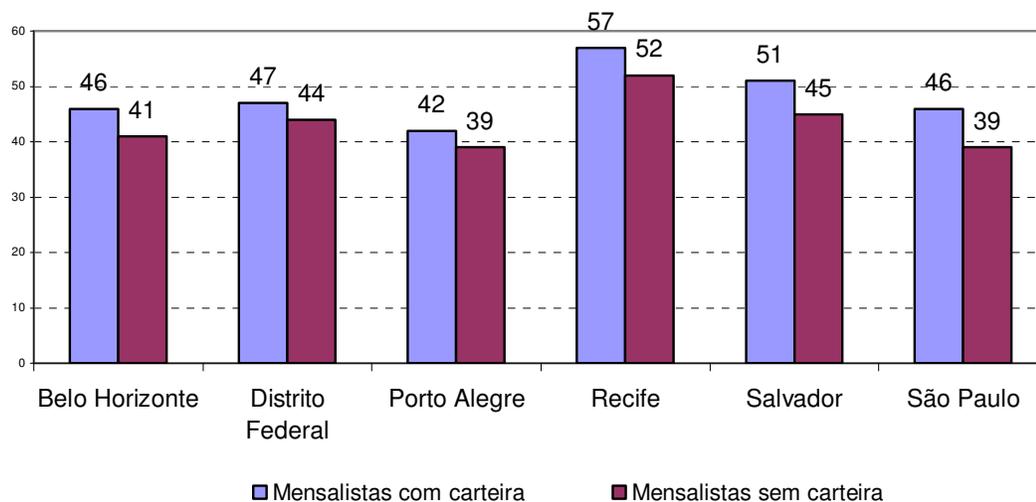
Fonte: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e entidades regionais. PED – Pesquisa de Emprego
Elaboração: DIEESE

A carteira assinada garante a essas trabalhadoras, o acesso a direitos e benefícios trabalhistas. Em todas as regiões, mais de 97% das mensalistas com carteira assinada contribuíram para Previdência. Entre as sem carteira, a proporção registrada foi tão pequena que, apenas em São Paulo (5,7%) e Belo Horizonte (5,3%) verificou-se um percentual de casos relevante.

As jornadas de trabalho cumpridas pelas empregadas domésticas são muito maiores para as mensalistas com e sem carteira, que para as diaristas. Entre as mensalistas do Nordeste, a jornada semanal média chegou a 47 horas, em Salvador, e a 54 horas, em Recife. No Distrito Federal, a média semanal também superou em duas horas às 44 horas determinadas pela lei. Em Porto Alegre (41 horas), São Paulo (42 horas) e Belo Horizonte (44 horas) a jornada média semanal foi inferior.

A formalização do contrato de trabalho parece estar associada a jornadas mais extensas. Em todas as regiões analisadas, a jornada média das mensalistas com carteira de trabalho assinada superou a das sem carteira. A maior distância aconteceu em São Paulo, onde as que tinham carteira assinada trabalharam, em média, 7 horas a mais que as sem carteira (Gráfico 6).

Gráfico 6
Horas semanais de trabalho das empregadas domésticas mensalistas segundo
forma de contratação
Regiões metropolitanas e Distrito Federal – 2003/2004
(em horas semanais)



Fonte: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e entidades regionais. PED – Pesquisa de Emprego
Elaboração: DIEESE

Por grupo de horas trabalhadas, fica evidente a proporção de empregadas domésticas que trabalham além da jornada legal, indicando que este tipo de ocupação não só traz um grande índice de informalização, como também se caracteriza por extensas jornadas, em especial para aquelas com carteira de trabalho assinada.

Mais da metade das mensalistas com carteira de trabalho assinada realizou jornadas acima das 44 horas legais, a exceção de Porto Alegre (36,9%), onde a maioria (51,1%) trabalhou entre 20 e 40 horas. Nas regiões do Nordeste, 77,6% (Salvador) e 85,2% (Recife) das mensalistas com contrato formal de trabalho fizeram mais de 44 horas semanais.

Para as que não possuem carteira de trabalho assinada, as regiões registraram percentuais bastante diferenciados. Em Recife, 70,3% destas empregadas trabalharam acima de 44 horas semanais e em Salvador, esse percentual foi bem menor (58,8%). Em São Paulo, 43,0% das mensalistas sem carteira fizeram entre 20 e 40 horas semanais e 36,8% além das 44 horas. Em Porto Alegre, houve maior percentual entre as que cumpriram de 20 a 40 horas (46,3%) e, no Distrito Federal, na de mais de 44 horas (50,8%). Em Belo Horizonte, a situação foi semelhante: 41,1% trabalharam entre 20 e 40 horas e 44,2%, mais de 44 horas (Tabela G).

TABELA G
Distribuição das empregadas domésticas mensalistas por formas de contratação segundo classe de horas trabalhadas
Regiões metropolitanas e Distrito Federal – 2003/2004 (em %)

Regiões metropolitanas e Distrito Federal	Classes de horas				
	Total	Até 20 horas	Mais de 20 a 40 horas	Mais de 40 a 44 horas	Mais de 44 horas
Mensalistas com carteira					
Belo Horizonte	100,0	(1)	36,6	(1)	57,2
Distrito Federal	100,0	(1)	24,0	20,1	55,1
Porto Alegre	100,0	5,2	51,1	6,8	36,9
Recife	100,0	(1)	10,6	(1)	85,2
Salvador	100,0	(1)	16,0	(1)	77,6
São Paulo	100,0	(1)	42,4	4,5	49,8
Mensalistas sem carteira					
Belo Horizonte	100,0	11,9	41,1	(1)	44,2
Distrito Federal	100,0	(1)	31,3	12,0	50,8
Porto Alegre	100,0	15,0	46,3	(1)	34,0
Recife	100,0	5,6	20,9	(1)	70,3
Salvador	100,0	9,9	27,4	(1)	58,8
São Paulo	100,0	17,1	43,0	3,0	36,8

Fonte: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e entidades regionais. PED – Pesquisa de Emprego

Elaboração: DIEESE

Notas (1) A amostra não comporta desagregação para esta categoria.

O rendimento médio real das domésticas mensalistas com carteira é sempre, superior ao das sem carteira. No Distrito Federal – onde as empregadas sem carteira têm salário 23,1% menor que as com carteira – e em Porto Alegre – com percentual de diferença de 24,6% - foram verificadas as menores distâncias entre as remunerações médias das mensalistas com e sem carteira. São Paulo, apesar de ser a região que paga os maiores salários médios para mensalistas com e sem carteira assinada (R\$ 506 e R\$ 314), respectivamente, foi onde se observou a maior diferença: -37,9% (Tabela H).

Tabela H
Rendimento médio real mensal das empregadas domésticas mensalistas por forma de contratação
Regiões metropolitanas e Distrito Federal – 2003/2004
(em Reais de maio de 2005)

Regiões metropolitanas e Distrito Federal	Rendimento médio real		Diferença
	Com Carteira A	Sem Carteira B	B/A (%)
Belo Horizonte	359	244	-30,9
Distrito Federal	376	289	-23,1
Porto Alegre	406	306	-24,6
Recife	292	204	-30,1
Salvador	284	195	-31,3
São Paulo	506	314	-37,9

Fonte: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e entidades regionais. PED – Pesquisa de Emprego

Elaboração: DIEESE

Obs.: a) Excluídos os empregados domésticos assalariados que não tiveram remuneração no mês.

b) Inflatores utilizados: IPCA/BH/IPEAD; INPC-DF/IBGE; IPC-IEPE/RS; INPC-RMR/IBGE/PE; IPC-SEI/BA; ICV-DIEESE/SP

Desconsiderando-se as jornadas, os rendimentos médios por hora revelaram que as diferenças entre as mensalistas com e sem carteira de trabalho assinada variaram entre -17,9% (Porto Alegre) e -26,8% (São Paulo) (Tabela I).

Tabela I
Rendimento médio real por hora das empregadas domésticas mensalistas por
forma de contratação
Regiões metropolitanas e Distrito Federal – 2003/2004
(em Reais de maio de 2005)

Regiões metropolitanas e Distrito Federal	Rendimento médio real		Diferença
	Com Carteira A	Sem Carteira B	B/A (%)
Belo Horizonte	1,82	1,39	-23,7
Distrito Federal	1,87	1,53	-17,9
Porto Alegre	2,26	1,83	-19,0
Recife	1,20	0,92	-23,4
Salvador	1,30	1,01	-22,2
São Paulo	2,57	1,88	-26,8

Fonte: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e entidades regionais. PED – Pesquisa de Emprego
Elaboração: DIEESE

Obs.: a) Devido ao arredondamento, os valores da diferença estão aproximados.

b) Excluídos os empregados domésticos assalariados que não tiveram remuneração no mês.

c) Inflatores utilizados: IPCA/BH/IPEAD; INPC-DF/IBGE; IPC-IEPE/RS; INPC-RMR/IBGE/PE; IPC-SEI/BA; ICV-DIEESE/SP

4.2 – Características Pessoais das Trabalhadoras Mensalistas

Quando se leva em conta o atributo cor e se analisa cada região separadamente, percebe-se que entre as mensalistas negras, as proporções daquelas com e sem carteira de trabalho assinada foram semelhantes às das não-negras. Apenas em São Paulo e Porto Alegre, o percentual de negras com carteira em relação ao total de negras ocupadas na categoria foi ligeiramente superior ao de não-negras (Tabela J).

TABELA J
Proporção das empregadas domésticas mensalistas com carteira e sem carteira de
trabalho assinada segundo cor
Regiões metropolitanas e Distrito Federal – 2003/2004 (em %)

Forma de contratação	Belo Horizonte		Distrito Federal		Porto Alegre	
	Negra	Não Negra	Negra	Não Negra	Negra	Não Negra
Mensalista	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Com carteira	55,4	55,8	42,6	41,7	66,3	59,4
Sem Carteira	44,6	44,2	57,4	58,3	33,7	40,6
Forma de contratação	Recife		Salvador		São Paulo	
	Negra	Não Negra	Negra	Não Negra	Negra	Não Negra
Mensalista	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Com carteira	38,9	39,6	35,4	(1)	42,7	39,4
Sem Carteira	61,1	61,5	64,6	66,1	57,3	59,6

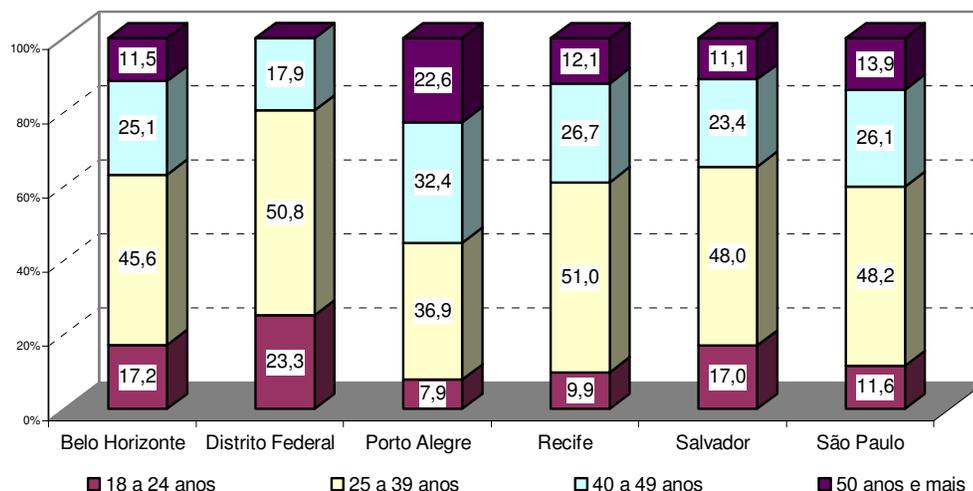
Fonte: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e entidades regionais. PED – Pesquisa de Emprego
Elaboração: DIEESE

Por faixa etária, foram verificadas algumas peculiaridades entre as mensalistas segundo a forma de contratação. Entre as com carteira de trabalho assinada, houve maior concentração na faixa dos 25 a 39 anos em todas as regiões analisadas, exceto Porto Alegre, onde o percentual entre as mulheres desta faixa (36,9%) foi semelhante ao daquelas entre 40 a 49 anos (32,4%). A parcela de jovens entre 18 e 24 anos variou entre 7,9% (Porto Alegre) até 23,3% (Distrito Federal).

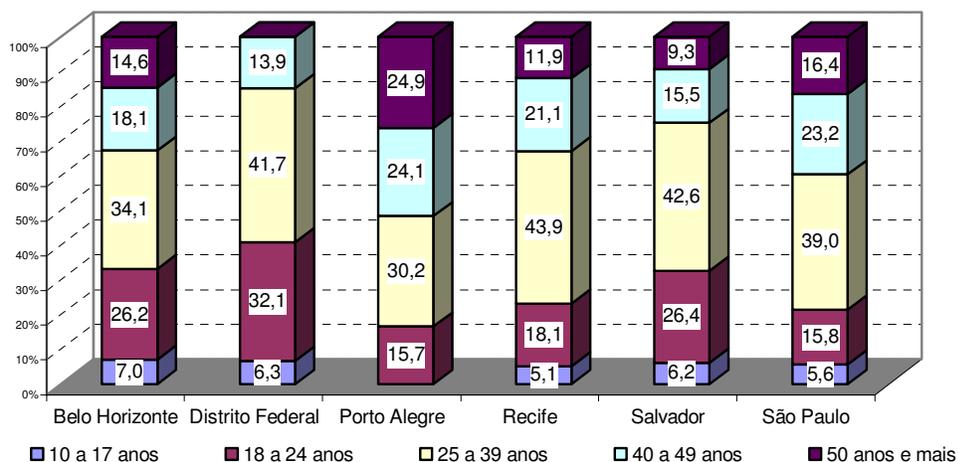
Para a contratação fora dos padrões legais, houve uma melhor distribuição entre todas as idades. Verificou-se um contingente expressivo de meninas de 10 a 17 anos nesta ocupação que oscilou entre 5,1% (Recife) e 7,0% (Belo Horizonte) em todas as regiões, exceto Porto Alegre, ainda que a legislação proíba a contratação de menores. Já a parcela de mulheres entre 25 e 39 anos sem carteira assinada foi relativamente menor do que a com carteira. Em Belo Horizonte, Porto Alegre e São Paulo, o percentual de mulheres com mais de 50 anos, sem carteira, no emprego doméstico foi superior ao verificado entre as com carteira (Gráfico 7).

GRÁFICO 7
Distribuição das empregadas domésticas mensalistas segundo forma de contratação e faixa etária
Regiões metropolitanas e Distrito Federal – 2003/2004
(em %)

Com carteira de trabalho assinada



Sem carteira de trabalho assinada



Fonte: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e entidades regionais. PED – Pesquisa de Emprego
Elaboração: DIEESE

Obs.: a) A amostra não comportou desagregação para a categoria de 50 anos com e mais com carteira no Distrito Federal. Para a categoria de sem carteira de 50 anos e mais no Distrito Federal e para as sem carteira de 10 a 17 anos em Porto Alegre não houve desagregação.

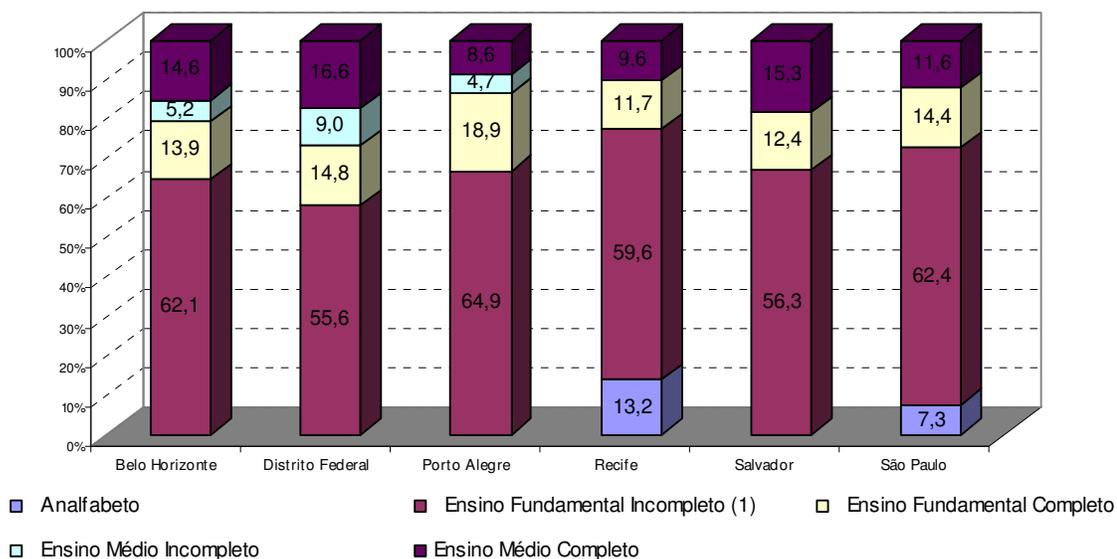
b) Entre as mensalistas com carteira, não houve amostra para as crianças de 10 a 17 anos.

Segundo o grau de escolaridade, a proporção de mensalistas com e sem carteira analfabetas foi semelhante na região do Recife e de São Paulo. Entre as mensalistas com carteira, o percentual de mulheres com o ensino fundamental incompleto superou o de mensalistas sem carteira nas regiões de Belo Horizonte, Distrito Federal, Porto Alegre e São Paulo. Mais da metade das empregadas mensalistas, com e sem carteira, possuía esse nível de escolaridade.

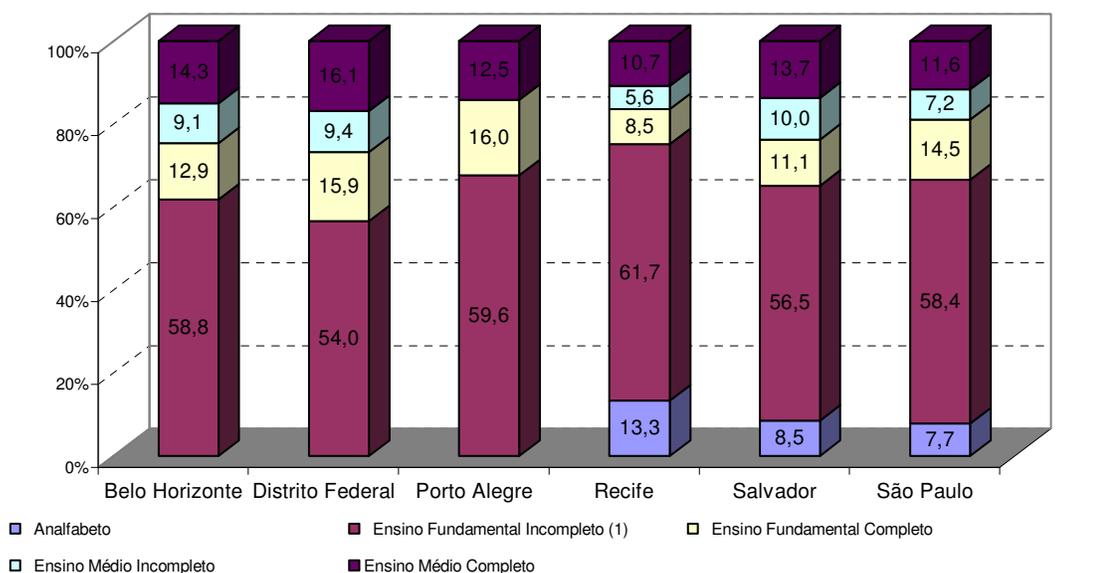
Não se pode afirmar, contudo, que o nível de escolaridade influi no tipo de contratação, uma vez que não houve um padrão definido entre as regiões. Pode-se dizer apenas que esse setor se caracterizou por abrigar mulheres de baixa escolaridade, uma vez que mais da metade delas possui até o fundamental incompleto e pode ser o responsável por garantir parte da renda familiar de chefes ou cônjuges de baixa instrução (Gráfico 8).

GRÁFICO 8
Distribuição das empregadas domésticas mensalistas segundo forma de contratação e escolaridade
Regiões metropolitanas e Distrito Federal – 2003/2004
Com carteira de trabalho assinada

(em %)



Sem carteira de trabalho assinada



Fonte: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e entidades regionais. PED – Pesquisa de Emprego
 Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Inclui os alfabetizados sem escolaridade.

Obs.: a) A amostra não comportou desagregação para as analfabetas com carteira de Belo Horizonte, Distrito Federal, Porto Alegre e Salvador e para o ensino médio incompleto das com carteira do Recife, Salvador e São Paulo.

b) A amostra não comportou desagregação para as analfabetas sem carteira de Belo Horizonte, Distrito Federal e Porto Alegre e para o ensino médio das sem carteira de Porto Alegre.

c) Entre as mensalistas com e sem carteira não houve amostra para o ensino superior.

5- CONDIÇÕES DE TRABALHO E PERFIL DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS DIARISTAS

5.1 – Condições de trabalho

A parcela de empregadas domésticas diaristas no total das mulheres ocupadas variou entre 2,6% (Salvador) e 4,8% (Belo Horizonte).

No total das mulheres ocupadas no emprego doméstico, a proporção de diaristas variou entre as regiões, sendo o menor conjunto encontrado em Salvador (12,1%) e o maior, em Porto Alegre, 26,1% (Gráfico 4).

Por não ter um vínculo formal de contratação, grande parte das diaristas não contribuiu para a Previdência Social. O maior percentual de contribuição, 11,9%, foi verificado em Porto Alegre, seguido de Belo Horizonte (8,8%) e São Paulo (7,1%), nas demais regiões os dados não foram relevantes. Esse fato vai comprometer, com certeza, a aposentadoria destas mulheres, que, provavelmente, ficarão mais tempo no mercado de trabalho nesta atividade.

Mais de 40% das diaristas de Belo Horizonte, Distrito Federal, Porto Alegre e São Paulo estavam há mais de dois anos no trabalho atual, parcela superior a observada entre as mensalistas sem registro em carteira, embora menor que a das mensalistas com carteira assinada. Esta estabilidade relativamente maior das diaristas em relação às mensalistas sem carteira está, possivelmente, associada a sua forma de trabalho, que lhe permite trabalhar para várias residências e, portanto, garantir menor descontinuidade de períodos sem trabalhar. Nas regiões do Nordeste, cerca de 30% das diaristas estava há apenas seis meses no atual trabalho e pouco mais de 37%, há mais de dois anos na mesma residência (Tabela K).

TABELA K
Proporção das empregadas domésticas diaristas segundo tempo de permanência
no trabalho atual
Regiões metropolitanas e Distrito Federal – 2003/2004
(em %)

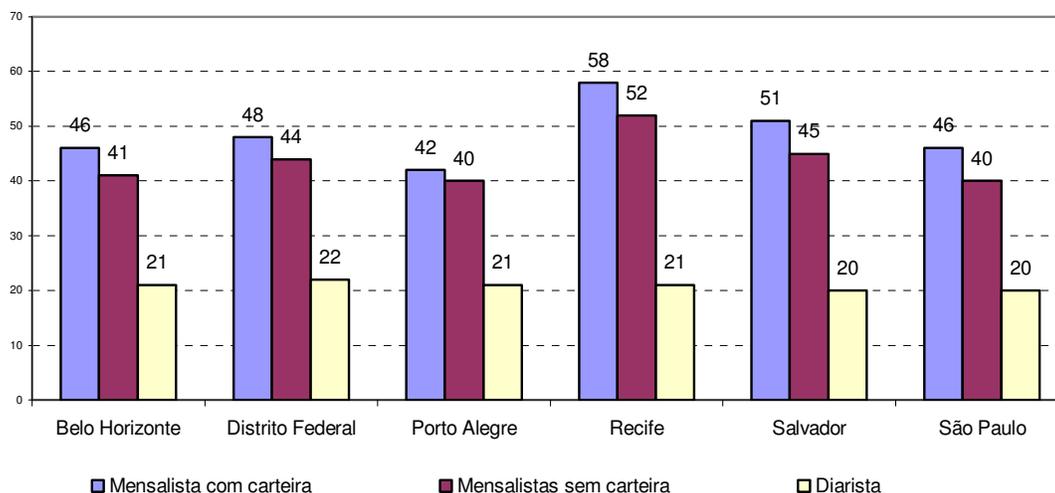
Regiões metropolitanas e Distrito Federal	Total	Até 6 meses	Mais de 6 a 12 meses	Mais de 1 a 2 anos	Mais de 2 anos
Belo Horizonte	100,0	28,1	16,1	11,8	44,0
Distrito Federal	100,0	29,5	(1)	(1)	42,4
Porto Alegre	100,0	24,3	15,4	13,4	46,9
Recife	100,0	34,4	14,7	13,4	37,5
Salvador	100,0	31,5	(1)	(1)	37,2
São Paulo	100,0	32,6	13,1	13,8	40,6

Fonte: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e entidades regionais. PED – Pesquisa de Emprego
Elaboração: DIEESE

Nota: (1) A amostra não comportou desagregação para as categorias.

Por outro lado, cabe considerar que as diaristas não trabalharam todos os dias úteis da semana, uma vez que sua jornada média de trabalho não ultrapassou as 22 horas semanais, valor registrado no Distrito Federal. Em todas as regiões analisadas, a média foi muito parecida, variando entre 20 e 21 horas semanais. Esse valor foi verificado até mesmo nas regiões do Nordeste, onde as mensalistas trabalham mais de 50 horas semanais (Gráfico 9).

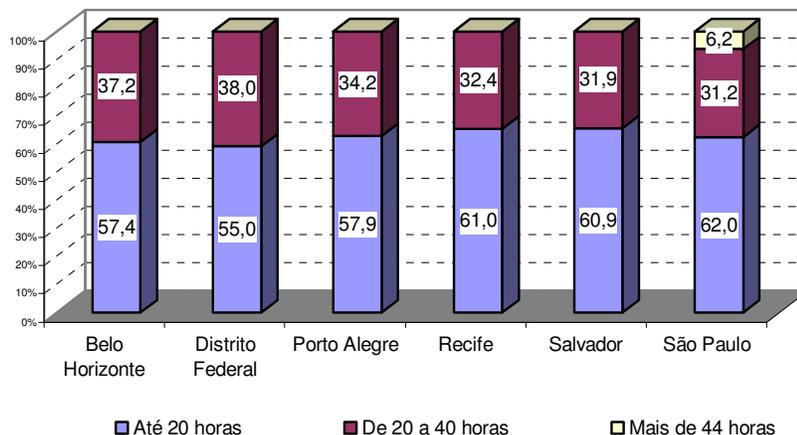
GRÁFICO 9
Jornada semanal média de trabalho segundo forma de contratação
Regiões metropolitanas e Distrito Federal – 2003/2004
(em horas semanais)



Fonte: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e entidades regionais. PED – Pesquisa de Emprego
 Elaboração: DIEESE

A baixa jornada média de trabalho pode ser explicada pelo fato de que mais de 55% das diaristas trabalharam até 20 horas, sendo que esse percentual foi superior a 60% em São Paulo e nas regiões do Nordeste. Um percentual entre 31% e 38% das diaristas fez entre 20 e 40 horas por semana. Na capital paulista, apenas 6,2% das diaristas realizaram jornadas acima de 44 horas semanais (Gráfico 10).

GRÁFICO 10
Distribuição das empregadas domésticas diaristas segundo classe de horas
trabalhadas
Regiões metropolitanas e Distrito Federal – 2003/2004
(em %)



Fonte: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e entidades regionais. PED – Pesquisa de Emprego
 Elaboração: DIEESE

Obs.: A amostra não comportou desagregação para mais de 44 horas em Belo Horizonte, Distrito Federal, Porto Alegre, Recife e Salvador e para 40 a 44 horas em todas as regiões analisadas.

O rendimento médio mensal das diaristas foi o menor observado entre as empregadas domésticas, uma vez que suas jornadas semanais foram inferiores as das demais. Em São Paulo (R\$ 296) e Porto Alegre (R\$ 292) foram registrados os maiores valores pagos. Em Recife, ocorreu o menor rendimento médio (R\$ 146). Comparado ao salário mínimo de R\$ 300¹, o rendimento das diaristas é próximo a esse piso apenas em São Paulo e Porto Alegre. No Distrito Federal, as diaristas receberam, em média, 83,7% do salário mínimo; em Belo Horizonte, 71,3%; e, em Salvador e no Recife, apenas 48,3%.(Tabela L).

¹ Como os rendimentos mensais médios foram inflacionados para maio de 2005, comparou-se com o atual salário mínimo.

TABELA L
Rendimento médio real das diaristas e proporção do salário mínimo
Regiões metropolitanas e Distrito Federal – 2003/2004
(em Reais de maio de 2005)

Regiões metropolitanas e Distrito Federal	Diaristas	Salário Mínimo	Proporção (%)
Belo Horizonte	214	300	71,3
Distrito Federal	251	300	83,7
Porto Alegre	292	300	97,3
Recife	145	300	48,3
Salvador	145	300	48,3
São Paulo	296	300	98,7

Fonte: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e entidades regionais. PED – Pesquisa de Emprego

Elaboração: DIEESE

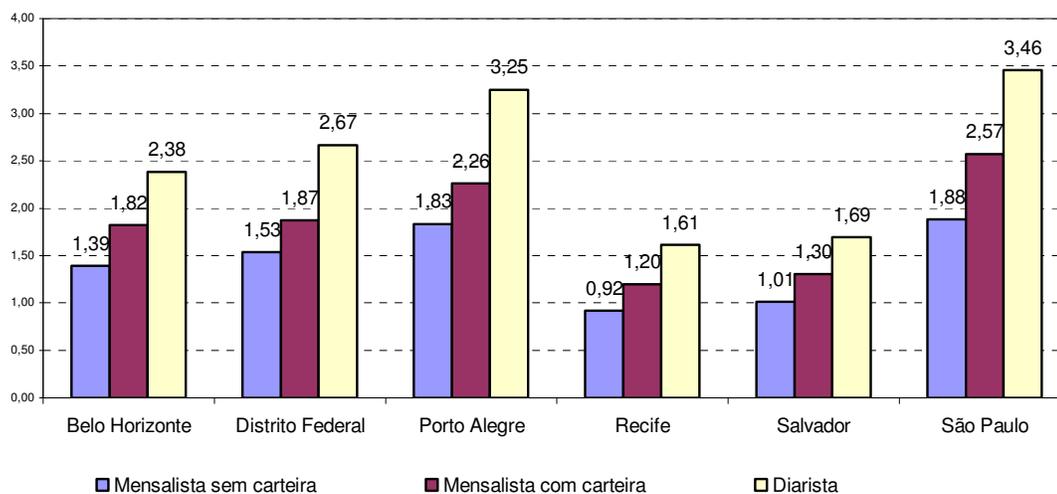
Obs.: a) Excluídos os empregados domésticos assalariados que não tiveram remuneração no mês.

b) Inflatores utilizados: IPCA/BH/PEAD; INPC-DF/IBGE; IPC-IEPE/RS; INPC-RMR/IBGE/PE; IPC-SEI/BA; ICV-DIEESE/SP

Apesar de menores rendimentos médios por mês, as diaristas ganham mais quando se desconta a jornada de trabalho e se analisa o rendimento por hora. O maior rendimento médio por hora - pago em São Paulo - foi de R\$ 3,46, 34,6% maior que o das mensalistas com carteira e 84,0% maior que o das sem carteira. Entre as regiões, a maior diferença entre o rendimento médio por hora das mensalistas com vínculo formal e o das diaristas foi observada em Porto Alegre (43,8% maior) e, na comparação com as sem carteira, a maior distância entre as remunerações médias por hora ocorreu na Grande São Paulo (Gráfico 11).

Gráfico 11
Rendimento médio real das trabalhadoras domésticas segundo forma de contratação
Regiões metropolitanas e Distrito Federal – 2003/2004

(em Reais de maio de 2005)



Fonte: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e entidades regionais. PED – Pesquisa de Emprego
 Elaboração: DIEESE

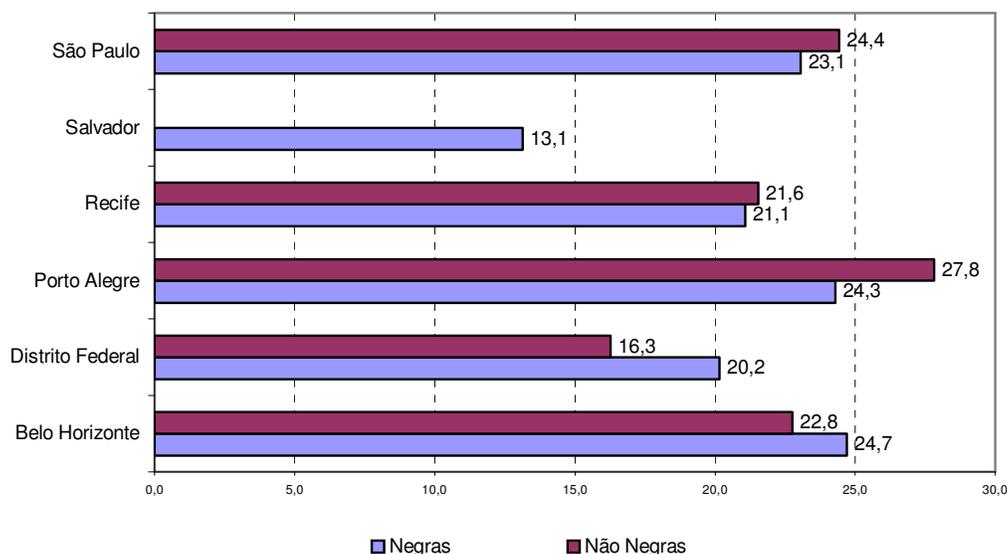
Obs.: a) Excluídos os empregados domésticos assalariados que não tiveram remuneração no mês.

b) Inflatores utilizados: IPCA/BH/IPEAD; INPC-DF/IBGE; IPC-IEPE/RS; INPC-RMR/IBGE/PE; IPC-SEI/BA; ICV-DIEESE/SP

5.2 – Características pessoais das trabalhadoras diaristas

Em São Paulo, Recife e Porto Alegre, a parcela de diaristas não-negras sobre o total de domésticas não-negras superou o respectivo percentual entre as negras, indicando que houve mais diaristas entre as mulheres não-negras que entre as negras. No Distrito Federal e em Belo Horizonte, o resultado foi o oposto, com maior representação de diaristas entre as trabalhadoras negras. Em Salvador, as diaristas negras perfazem 13,1% do total de domésticas negras e, para as não-negras, não se pode inferir nenhum resultado, indicando que esta ocupação foi preferencialmente desempenhada pelas negras (Gráfico 13).

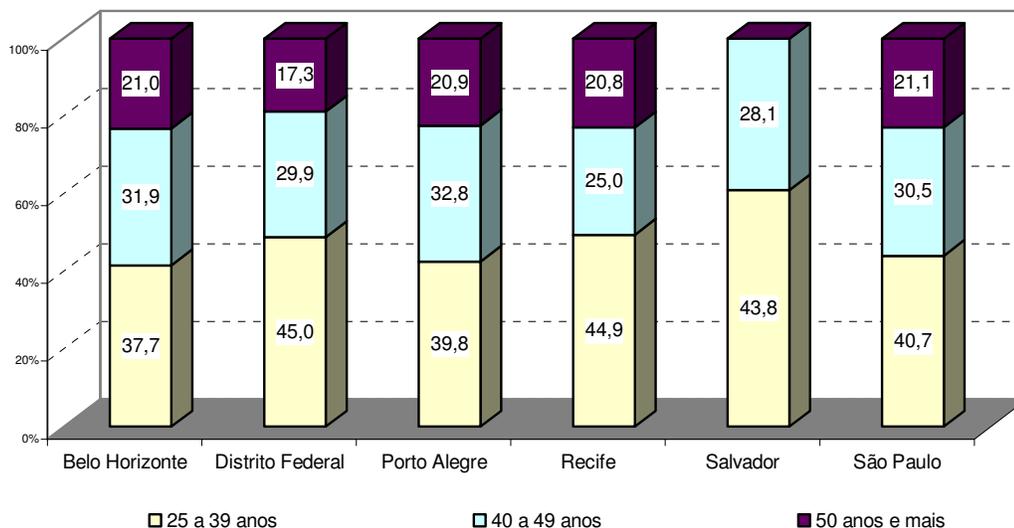
GRÁFICO 13
Proporção das diaristas negras e não negras sobre o total de trabalhadoras domésticas por cor
Regiões metropolitanas e Distrito Federal – 2003/2004
(em %)



Fonte: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e entidades regionais. PED – Pesquisa de Emprego
 Elaboração: DIEESE
 Obs.: A amostra não comportou desagregação para as diaristas não negras em Salvador

Por faixa etária, percebeu-se que esta atividade não foi realizada por jovens, uma vez que o número de diaristas adolescentes de 10 a 17 anos, assim como a quantidade de jovens de 18 a 24 anos não se apresentou relevante. Grande parte das empregadas domésticas diaristas tinha entre 25 e 39 anos: 37,7% (Belo Horizonte) e 44,9% (Recife). Outra parcela expressiva foi observada para a faixa etária de 40 e 49 anos, que variou de 25,0%, no Recife a 32,8%, em Porto Alegre. Em todas as regiões, exceto Salvador, cerca de 20% das diaristas tinham mais de 50 anos (Gráfico 14).

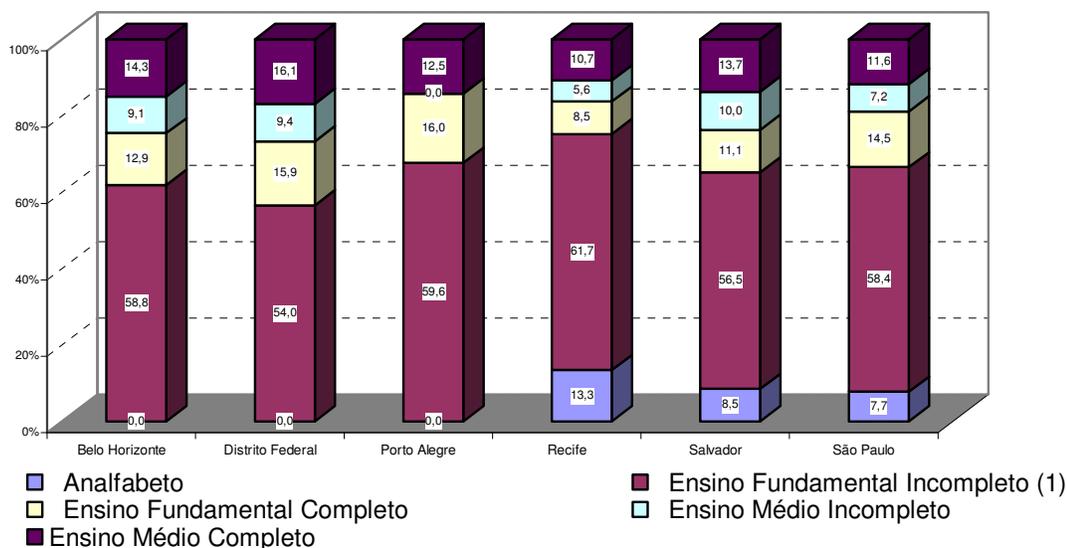
GRÁFICO 14
Distribuição das empregadas domésticas diaristas segundo faixa etária
Regiões metropolitanas e Distrito Federal – 2003/2004
(em %)



Fonte: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e entidades regionais. PED – Pesquisa de Emprego
 Elaboração: DIEESE
 Obs.: A amostra não comportou desagregação para 50 anos e mais em Porto Alegre

Em média, a escolaridade das diaristas é muito baixa, conforme verificado entre todos os trabalhadores do setor. Grande parte delas não concluiu o ensino fundamental e, em Recife (61,4%), região com menor proporção de diaristas com o ensino fundamental incompleto, foi verificada uma parcela de 17,5% de analfabetas. Em São Paulo, 8,9% das diaristas eram analfabetas e 65,2% não terminaram o ensino fundamental. Um percentual que variou entre 10,5% (Recife) e 13,6% (Porto Alegre) concluiu esse grau. Apenas em São Paulo (8,7%) e na capital gaúcha (8,3%) detectou-se um número relevante de diaristas com o ensino médio completo (Gráfico 15).

GRÁFICO 15
Distribuição das empregadas domésticas diaristas segundo escolaridade
Regiões metropolitanas e Distrito Federal – 2003/2004
(em %)



Fonte: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e entidades regionais. PED – Pesquisa de Emprego

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Inclui os alfabetizados sem escolaridade

Obs.: a) A amostra não comportou desagregação para as analfabetas de Belo Horizonte, Distrito Federal, Porto Alegre e Salvador. Também não houve desagregação para aquelas que concluíram o ensino fundamental no Distrito Federal e Salvador. Não houve desagregação para aquelas com o ensino médio completo em Belo Horizonte, no Distrito Federal, Recife e Salvador.

b) Entre as diaristas não houve amostra para o ensino superior

6- CONDIÇÕES DE TRABALHO E PERFIS DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS NEGRAS E NÃO-NEGRAS

6.1 – Condições de trabalho

As negras, em todas as regiões, sofrem mais com o desemprego, contratações mais vulneráveis e menores rendimentos, expressando a dupla discriminação do mercado de trabalho em relação ao sexo e a cor.

A análise comparativa entre mulheres ocupadas, quando se considera o atributo cor e raça, evidencia que: a proporção de ocupadas negras que trabalham como domésticas supera a de não-negras. Em Porto Alegre e São Paulo, a parcela de ocupadas negras que trabalha como mensalista foi maior que 20,0%. Entre as não-negras, o percentual foi inferior a 11% em todas as regiões analisadas. Como diaristas, as maiores parcelas também foram verificadas para as mulheres negras em Porto Alegre e São Paulo: 7,8%

e 6,8%, respectivamente, enquanto para as não-negras, esta forma de trabalho representou apenas 3,7% e 3,2%.

Destaca-se que em Salvador, o emprego doméstico mensalista (19,2%) tem sido alternativa de trabalho mais freqüente para as negras baianas. Além disso, 2,9% destas são diaristas. Entre as ocupadas não-negras, 5,6% eram mensalistas.

Não houve diferenças expressivas entre a jornada das domésticas negras e não-negras. As diaristas não-negras do Distrito Federal trabalharam três horas a mais do que as negras. Por sua vez, as negras sem registro em carteira na capital federal e em São Paulo trabalharam duas horas a mais na semana, em média. Porém, não se pode fazer nenhuma correlação especial entre cor e jornada de trabalho (Tabela M).

TABELA M
Diferença da jornada semanal média das empregadas domésticas negras e não negras, por forma de contratação
Regiões metropolitanas e Distrito Federal – 2003/2004
(em horas semanais)

Região metropolitana e Distrito Federal	Empregada Doméstica			
	Mensalista			
	Total	Com carteira	Sem Carteira	Diarista
Belo Horizonte	0	0	1	0
Distrito Federal	-1	-1	2	-3
Porto Alegre	1	-1	0	1
Recife	-1	-1	-2	0
Salvador	0	(1)	(1)	(1)
São Paulo	1	0	2	0

Fonte: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e entidades regionais. PED – Pesquisa de Emprego
Elaboração: DIEESE

Nota: (1) A amostra não comportou desagregação para as categorias.

Mesmo as negras estando em maior proporção no emprego doméstico, os dados do rendimento médio hora (ou seja, descontada a jornada de trabalho) indicaram que as não-negras ganharam mais do que as negras. Repete-se neste setor, predominantemente feminino marcado pela mão de obra de baixa escolaridade, a discriminação entre negros e não-negros. As únicas exceções a esta regra apareceram entre as domésticas mensalistas com carteira no Distrito Federal e entre as diaristas de São Paulo.

A diferença entre os rendimentos médios por hora das empregadas domésticas não-negras e negras chegou a ser 4,7% maior para as não-negras em Porto Alegre e

3,3%, em São Paulo. Ainda em São Paulo, as domésticas mensalistas sem carteira não-negras receberam 9,0% a mais do que as negras e, no Distrito Federal, 8,3% (Tabela N).

TABELA N
Rendimento médio hora das empregadas domésticas negras e não-negras, por posição na ocupação
Regiões metropolitanas e Distrito Federal – 2003/2004

(em Reais de maio de 2005)

Emprego Doméstico	Belo Horizonte			Distrito Federal		
	Negras A	Não Negras B	Diferença B/A (%)	Negras A	Não Negras B	Diferença B/A (%)
Empregado Doméstico	1,75	1,79	2,1	1,77	1,78	0,4
Mensalista	1,64	1,68	2,7	1,67	1,71	2,9
Com carteira	1,82	1,83	0,8	1,87	1,81	-3,4
Sem Carteira	1,38	1,43	3,3	1,49	1,61	8,3
Diarista	2,35	(1)	(1)	2,61	(1)	(1)

Emprego Doméstico	Porto Alegre			Recife		
	Negras A	Não Negras B	Diferença B/A (%)	Negras A	Não Negras B	Diferença B/A (%)
Empregado Doméstico	2,23	2,33	4,7	1,08	1,10	2,0
Mensalista	2,06	2,11	2,5	1,03	1,04	0,7
Com carteira	2,26	2,28	0,8	1,19	(1)	(1)
Sem Carteira	(1)	1,86	(1)	0,93	(1)	(1)
Diarista	(1)	3,27	(1)	1,59	(1)	(1)

Emprego Doméstico	Salvador			São Paulo		
	Negras A	Não Negras B	Diferença B/A (%)	Negras A	Não Negras B	Diferença B/A (%)
Empregado Doméstico	1,18	(1)	(1)	2,34	2,41	3,3
Mensalista	1,13	(1)	(1)	2,19	2,27	4,0
Com carteira	1,30	(1)	(1)	2,54	2,61	2,4
Sem Carteira	1,01	(1)	(1)	1,80	1,97	9,0
Diarista	1,69	(1)	(1)	3,47	3,45	-0,7

Fonte: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e entidades regionais. PED – Pesquisa de Emprego
Elaboração: DIEESE

Nota: (1) A amostra não comportou desagregação para as categorias.

6.2 – Características pessoais das trabalhadoras negras e não-negras

Não houve diferenças marcantes das proporções médias por faixa etária, entre as negras e não negras. Em São Paulo, a parcela de não-negras com 40 anos e mais no emprego doméstico (44,8%) foi superior que a de negras (40,7%). Isto também ocorreu em Belo Horizonte: 40,6% das trabalhadoras domésticas não-negras tinham 40 anos e mais, enquanto entre as negras, 38,5% estavam nesta faixa etária. Contudo, isto se mostrou um padrão entre as demais regiões, podendo ser um indicativo de que, em determinadas regiões, mulheres mais velhas tenham que se lançar no mercado de trabalho nesta ocupação para sustentar a família (Tabela O).

TABELA O
Proporção das empregadas domésticas negras e não negras segundo faixa etária
Regiões metropolitanas e Distrito Federal – 2003/2004

(em %)

Idade e Cor	Belo Horizonte	Distrito Federal	Porto Alegre	Recife	Salvador	São Paulo
Negras	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
10 a 17 anos	3,0	(1)	(1)	2,7	3,9	2,9
18 a 24 anos	18,2	24,4	8,7	13,8	21,4	12,9
25 a 39 anos	40,0	45,2	33,0	46,0	44,5	43,4
40 a 49 anos	24,2	18,4	31,5	23,5	19,6	25,4
50 anos e mais	14,6	8,6	25,2	14,0	10,6	15,3
Não Negras	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
10 a 17 anos	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	2,9
18 a 24 anos	17,6	23,9	9,9	12,4	(1)	11,3
25 a 39 anos	39,4	46,2	36,7	47,4	(1)	41,0
40 a 49 anos	25,0	18,0	29,7	24,4	(1)	26,3
50 anos e mais	15,6	(1)	22,1	13,0	(1)	18,5

Fonte: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e entidades regionais. PED – Pesquisa de Emprego
Elaboração: DIEESE

Nota: (1) A amostra não comportou desagregação para as categorias.

Por grau de escolaridade, as empregadas domésticas não-negras tinham um nível ligeiramente superior ao das mulheres negras: o percentual de negras com o fundamental incompleto superou a de não-negras, exceto em algumas categorias e regiões.

Em Porto Alegre, a parcela de empregadas domésticas não-negras que não terminou o fundamental foi superior a de negras e a mesma situação se repetiu para as mensalistas com carteira de trabalho assinada; em Recife, a proporção de diaristas não-negras com o fundamental incompleto foi maior que a de negras; em São Paulo, o mesmo aconteceu para as mensalistas com carteira assinada. Percebe-se nesta situação a dificuldade do acesso dos negros ao banco escolar (Tabela P).

TABELA P
Proporção das empregadas domésticas negras e não negras com o fundamental incompleto segundo posição na ocupação
Regiões metropolitanas e Distrito Federal – 2003/2004
(em %)

Região metropolitana e Distrito Federal	Cor	Empregada Doméstica			
		Total	Mensalista		Diarista
			Com carteira	Sem Carteira	
Belo Horizonte	Negra	63,9	62,7	59,2	72,3
	Não Negra	61,6	60,2	57,5	70,5
Distrito Federal	Negra	56,4	55,8	54,5	61,9
	Não Negra	54,7	54,7	52,0	(1)
Porto Alegre	Negra	64,5	62,4	64,5	69,8
	Não Negra	64,7	65,9	58,3	69,1
Recife	Negra	61,2	60,4	61,8	60,9
	Não Negra	60,3	56,2	61,4	64,0
Salvador	Negra	57,3	57,0	56,5	61,4
	Não Negra	(1)	(1)	(1)	(1)
São Paulo	Negra	62,2	61,7	60,5	66,1
	Não Negra	60,1	63,3	55,9	64,1

Fonte: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e entidades regionais. PED – Pesquisa de Emprego
Elaboração: DIEESE

Nota: (1) A amostra não comportou desagregação para as categorias.

PRINCIPAIS CONSIDERAÇÕES

- O emprego doméstico figura como terceira alternativa ocupacional atrás somente dos trabalhadores assalariados em empresas e dos autônomos nas regiões analisadas, exceto Porto Alegre, e mais de 93% dos ocupados nesta atividade são mulheres.
- As trabalhadoras domésticas são, em sua maioria, negras e concentram-se na faixa etária de 25 a 39 anos. O grau de instrução das trabalhadoras é geralmente baixo, sendo que a grande maioria possui o fundamental incompleto (menos de oito anos de estudo).
- Grande parte das trabalhadoras domésticas é assalariada mensalista e uma parcela expressiva não possui carteira assinada. Uma menor proporção trabalha como diarista.
- O tempo de permanência médio no atual emprego da maior parte das mensalistas com carteira de trabalho assinada foi de mais de dois anos. Para as sem carteira, a predominância foi de até seis meses.
- Um pouco mais da metade das ocupadas no emprego doméstico não contribui para a Previdência Social, mas a quase totalidade daquelas com carteira de trabalho assinada fazem o recolhimento. Isso pode significar que uma parcela considerável não terá acesso à aposentadoria, tendo que permanecer mais tempo trabalhando.
- Apenas nas regiões do Nordeste, a jornada média semanal das empregadas domésticas é superior àquela estabelecida legalmente, sendo inferior nas demais. A jornada média semanal das diaristas oscila entre 20 e 22 horas e das mensalistas é mais extensa, principalmente para aquelas com carteira assinada.
- As diaristas trabalham, em sua maioria, até 20 horas por semana. Mais da metade das mensalistas das regiões do Nordeste e do Distrito Federal fazem jornadas semanais superiores a 44 horas. Em Porto Alegre e São Paulo, há semelhança entre o percentual de quem trabalha entre 20 e 40 horas e mais de 44 horas por semana.

-
- O rendimento médio real mensal dos empregados domésticos homens e mulheres é inferior ao dos assalariados e dos autônomos.
 - O rendimento médio real mensal percebido pelas mensalistas com carteira supera o das sem carteira, que por sua vez, é maior do que o das diaristas.
 - Quando se desconta a jornada de trabalho e se analisa o rendimento médio real por hora, verifica-se que as diaristas possuem a maior remuneração dentro do setor, e as mensalistas sem carteira, o menor.
 - O salário mínimo é importante referência para a remuneração das empregadas domésticas. Devido à política de recuperação adotada pelo governo, o rendimento médio real mensal das empregadas domésticas diminuiu menos do que o do total de ocupados em todas as regiões, exceto São Paulo, quando se compara o valor de 1998 e 2004.
 - As empregadas domésticas negras possuem, em média, um menor nível de escolaridade, quando se compara com as não-negras, havendo maior parcela de negras que não concluíram o ensino fundamental.
 - Não foram verificadas grandes diferenças entre as jornadas semanais de negras e não-negras. Mas o rendimento médio por hora das negras foi menor do que o das não-negras em quase todas as regiões analisadas, indicando a existência da discriminação salarial entre negros e não-negros também neste setor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MELO, Hildete Pereira. Trabalhadoras domésticas: o eterno lugar feminino – uma análise dos grupos ocupacionais. OIT/IPEA, 2002.

MENEZES, Wilson F. Inserção e rendimentos do trabalho doméstico na Região Metropolitana de Salvador.

PESQUISA DE EMPREGO E DESEMPREGO. São Paulo: Convênio DIEESE/SEADE, vários anos. Mensal.